

# PLANEJAMENTO: DESDOBRANDO A REALIDADE ESCOLAR E RESSIGNIFICANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Maria Angélica Olivo Francisco Lucas<sup>1</sup>  
Regina de Jesus Chicarelle<sup>2</sup>  
Heloisa Irie Toshie Saito<sup>3</sup>

## Introdução

Objetivamos, por meio deste artigo, discutir acerca do papel do planejamento no desvelamento da realidade escolar e na ressignificação da prática pedagógica. Analisamos dados obtidos por meio de uma pesquisa-ação colaborativa entre universidade e instituições educativas públicas, desenvolvida durante quatro anos. Após realização de sessões de estudo semanais, ao longo de 2012, acerca da relação entre aprendizagem e desenvolvimento e da formação de professores, procedemos a coleta de dados por meio de observação da prática pedagógica em turmas de educação infantil e ensino fundamental.

A leitura da prática pedagógica indicou o planejamento como ponto nevrálgico da organização do ensino. A recusa dos professores em permitir o acesso dos pesquisadores ao seu planejamento e o desconforto gerado quando ele lhes era solicitado indicaram a extensão do problema a ser enfrentado. Nas instituições de educação infantil o encaminhamento da prática pedagógica, em diferentes momentos da rotina diária, marcada por atividades repetitivas, dava indícios de que não havia planejamento prévio. Nas escolas de ensino fundamental tivemos acesso somente a um plano de aula composto por atividades xerocopiadas e indicação de páginas do livro didático cujos exercícios seriam realizados. Em ambos os casos, a prática docente indicava que, se havia planejamentos, estes consistiam em sequências de atividades desconexas, fragmentadas, sem significado para as crianças.

Vasconcellos (1995) defende que o planejamento é mais que uma técnica; é uma questão política e social de tomada de decisões. De acordo com esta ótica, o planejamento é condição para revestir de organicidade e intencionalidade a prática pedagógica, considerando as condições objetivas da realidade. A partir dessa concepção discutida ao longo do processo formativo, os profissionais das instituições educativas parceiras, sob orientação das coordenadoras da pesquisa, ressignificaram seu planejamento, redefinindo conteúdos, objetivos, metodologias, recursos didáticos e avaliação. Para demonstrar o trabalho realizado apresentaremos, inicialmente, algumas reflexões sobre a ação de planejar. Em seguida, discorreremos, com base em dados empíricos, acerca da ausência de planejamento, desvelando a realidade escolar. Por fim, trazendo elementos conclusivos, evidenciaremos o papel do planejamento na ressignificação da prática pedagógica.

## Algumas reflexões acerca da ação de planejar

O ato de planejar suscita a concretização do pensamento humano, está ligado intrinsecamente com a solução de problemas ou conflitos vivenciados, os quais promovem a busca por meios mais eficientes, recursos disponíveis, a fim de alcançar os objetivos almejados. No âmbito escolar, diz respeito a uma das funções docentes que mais requer análises, acompanhamento e avaliações sistemáticas.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: [mangelicaofl@ibest.com.br](mailto:mangelicaofl@ibest.com.br).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: [reginachicarelle@gmail.com](mailto:reginachicarelle@gmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: [htisaito@uem.br](mailto:htisaito@uem.br).

O planejamento visto sob o prisma da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) é uma tarefa atribuída à instituição de ensino, sob responsabilidade da equipe pedagógica e do corpo docente. Seu objetivo maior é a aprendizagem do aluno, devendo ser consideradas suas necessidades educativas. De acordo com a referida lei, cabe ao professor atuar na construção do planejamento, bem como na elaboração da proposta pedagógica da instituição de ensino de que ele faz parte.

Vasconcellos (1995) discute sobre a “complexidade da prática pedagógica”, a qual necessita ser planejada. Essa complexidade é advinda: do objeto, que trata da atividade em si; da atividade coletiva, a qual exige articulação, organização e registro; da educação escolar, a qual tem dupla fonte de complexidade porque envolve a organização adequada do currículo, o qual racionaliza as experiências pedagógicas para tornar a ação pedagógica mais eficaz; da comunicação com os outros professores visando integração curricular, não incorrendo a repetições desnecessárias e vazios curriculares.

Considerar a complexidade pedagógica significa, segundo o referido autor, não desperdiçar atividades e oportunidades de aprendizagem, fazer uso racional do tempo, pensar sobre a prática, evitando a rotina viciada e a improvisação, evitar a expropriação a qual o professor foi submetido em relação à concepção e ao domínio do seu fazer. Vasconcellos (1995) afirma que não são as ideias que modificam a realidade, mas a ação. Contudo, a ação sem ideia é ineficaz. Sendo assim, “[...] planejar é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que pensa” (VASCONCELLOS, 2000, p. 79).

Dentre as diversas formas, níveis e tipos de planejamentos, destacamos o que Vasconcellos (2000) nomeia como plano de ensino e aprendizagem ou mesmo projeto educativo. De acordo com essa ótica, planejar é resultante de um trabalho individual ou coletivo, em uma unidade, rede escolar ou mesmo, em termos mais abrangentes, em um sistema de ensino. A atitude intencional de transformação da realidade, a postura do professor em comprometer-se com bases teóricas e metodológicas para implantação da ação pedagógica, são os fatores preponderantes nesse processo.

### **Planejamento: desdobrando a realidade escolar**

Apresentamos algumas das análises e reflexões aferidas acerca da categoria planejamento provenientes das observações realizadas nas quatro instituições de ensino, nas quais foram coletados os dados da presente pesquisa.

Numa das instituições de ensino fundamental, em nenhum momento as pesquisadoras tiveram acesso aos planejamentos, ato justificado pelos professores em razão da necessidade de mudar o que havia planejado devido a imprevistos. Interpretamos que a professora recusou-se por ter consciência de que seu planejamento não corresponde à sua prática; ou a professora anota de forma geral e aleatória os conteúdos a serem desenvolvidos, sem indicar objetivos, metodologia e procedimentos de suas aulas; ou a professora pauta-se em sua experiência docente, não concebendo como necessária a elaboração de planos de aula. A ideia apresentada na terceira consideração se coaduna com as demais observações feitas, nas quais muitas atividades, apesar de serem preparadas ou selecionadas previamente, eram realizadas de forma aleatória, não havendo sequência entre elas, tendo em vista o processo de ensino e aprendizagem de um determinado conteúdo.

Em outra instituição de anos iniciais de ensino fundamental, tivemos acesso somente aos planejamentos bimestrais, nos quais constava a relação dos conteúdos, referentes a um determinado período do ano letivo. Foi possível ter acesso somente aos planos de aula de uma

professora. Constatamos que se tratavam de listagens de atividades previstas para serem realizadas ao longo do dia, inclusive indicando as páginas dos livros didáticos que seriam resolvidas e constando as atividades reproduzidas que seriam coladas nos cadernos das crianças. Eram planejamentos com muitas atividades, parecendo haver uma preocupação com o cumprimento do rol de conteúdos. Contudo, apesar de não ter sido possível verificar o planejamento diário de outras professoras, as práticas pedagógicas observadas indicaram que, provavelmente, se de fato eles existiam, tratavam-se também de sequências de atividades, aparentemente sem objetivos previamente definidos.

Observou-se que, em muitas vezes, as atividades, sejam elas dos livros didáticos, passadas na lousa ou impressas, eram realizadas continuamente, uma após a outra, até uma interrupção da aula, como o recreio ou o horário do almoço. Nas situações observadas, verificou-se que as crianças resolviam sequências de exercícios, página após página, sem que a professora determinasse, em função do planejamento e do conteúdo que estavam sendo desenvolvidos, quais atividades deveriam ser feitas. Em várias situações foram apontadas a ausência de mediação da professora, que lhes permitissem refletir sobre tais atividades, sobre o conteúdo ministrado ou o conceito que estava sendo explorado.

Verificamos que muitas das inúmeras atividades propostas tinham potencial em termos de promoção da aprendizagem. Todavia, tornavam-se repetitivas, fragmentadas, superficiais, mecânicas e sem significado para as crianças. Essa forma de encaminhar as atividades deixava a turma mais agitada e sem atenção para realizá-las, pois não as mobilizavam para os conteúdos em estudo. Acreditamos que estas práticas possam ser reflexos da forma como o planejamento diário estava organizado.

Os dados provenientes das observações das instituições de educação infantil, remetem-nos a resultados muito próximos. As duas instituições apontaram a existência de um planejamento anual enviado pela Secretaria Municipal de Educação. Tal planejamento descreve os objetivos, conteúdos e metodologia, de acordo com a faixa etária, a serem aplicados semestralmente. Em dias previstos no calendário escolar, esse planejamento é reorganizado pelas profissionais de cada turma juntamente à supervisora educacional de cada unidade escolar. Contudo, a maioria das professoras das duas instituições não disponibilizou os planos de aula.

Percebeu-se que havia por parte dos profissionais que atuavam nas instituições de educação infantil significativa disposição em cumprir as tarefas previstas no planejamento. As atividades eram repetitivas, desprovidas de intencionalidade pedagógica, fragmentadas, por vezes improvisadas, como se planejar fosse uma ação meramente burocrática, distante de seu papel na organização do ensino tendo em vista a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Ao interpretarmos os obtidos nas instituições de educação infantil, destacamos que o trabalho realizado pelas profissionais que aí atuam como auxiliares educacionais. A desvalorização e o distanciamento existente entre cargo-função-formação de tais profissionais desencadeiam diversos problemas que interferem na prática pedagógica, visto que era perceptível a distinção das funções desempenhadas pelos professores, os quais concentravam suas atividades no período da manhã, e das auxiliares educacionais, responsáveis pelas ações que envolviam cuidado e recreação, realizadas no período da tarde.

Essa situação associada à problemática do planejamento revelou grande fragilidade na organização do trabalho pedagógico nos diferentes momentos da rotina diária, evidenciando a relação de dissociação entre as funções dos profissionais da educação infantil, desvinculando o cuidar do educar. Contudo, a ação de planejar deve ser vista como uma tarefa das professoras e das auxiliares educacionais, como profissionais encarregadas de pensar o fazer pedagógico como um todo.

## **Planejamento ressignificando a prática pedagógica**

Após os dados obtidos por meio de observações em diferentes turmas de educação infantil e ensino fundamental, organizamos um curso de extensão para os profissionais das instituições parceiras da pesquisa, ação que oportunizou aos mesmos colocarem em prática os conhecimentos apropriados no decorrer dos estudos realizados. Após a realização de palestras, mesa redonda, seminários, leituras e estudos acerca do papel do planejamento para a organização do ensino, foi-lhes proposta a elaboração e a execução de um planejamento de conteúdo programático no nível de ensino em que atuavam. Cada grupo elegeu uma turma para desenvolver esta atividade e após o processo de execução do planejamento, a tarefa foi de elaboração do relato da prática pedagógica ressignificada para posterior socialização aos demais participantes do curso de extensão. Cada instituição ficou sob a supervisão de uma docente da UEM, a qual contou com a colaboração de assessores da Secretaria Municipal de Educação de Maringá (SEDUC) e dos demais participantes do projeto de pesquisa. As reflexões possibilitadas por esse trabalho foram apresentadas aos demais cursistas por meio de relatos de experiências os quais evidenciaram através das práticas implementadas mudança de concepção em direção à concepção de Marsiglia (2011): planejamento como instrumento que possibilita a mediação e torna a ação docente intencional.

Verificamos que o papel do planejamento foi repensado, submetido à análise e avaliação do grupo, o qual pode refletir sobre a sua própria ação, permitindo um maior entendimento a respeito da função que o planejamento exerce na ação pedagógica. Nesse contexto, conforme preconiza Vigotski (2007), o professor sujeito experiente da cultura, o qual se apropriou dos signos e conhecimentos historicamente produzidos, deve recorrer ao planejamento, concebendo-o como um instrumento que possibilita aproveitar as oportunidades de aprendizagem dos sujeitos em formação, usar racionalmente o tempo escolar, evitar improvisos, possibilitando o desenvolvimento das máximas capacidades humanas.

## **Algumas considerações finais**

Como elemento conclusivo, afirmamos, por meio dessa pesquisa-ação colaborativa, que o planejamento revelou as mazelas e as dobras da realidade escolar e, paradoxalmente, mostrou-se, conforme Vasconcellos (1995), como importante instrumento para reverter o quadro educacional atual, em direção a necessária organicidade e intencionalidade que a prática pedagógica requer.

Valorizar o planejamento da prática pedagógica significa compreendê-lo como indispensável. Implica na disposição em querer enxergar possibilidades de mudança, suscita intervir na realidade e transformá-la, representa assim, o maior e mais urgente desafio da humanidade. Por isso, Vasconcellos afirma (1995, p. 31) afirma que “não adianta ter planos bonitos, se não tivermos bonitos compromissos, bonitas condições de trabalho sendo conquistadas e bonitas práticas realizadas” (VASCONCELLOS, 1995. p. 31). Com essa reflexão encerramos nossas contribuições acerca do papel do planejamento no desvelamento da realidade escolar e na ressignificação da prática pedagógica.

## **Referências**

BRASIL. Lei Diretrizes e bases da educação nacional, nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 134, nº 248, p. 27833-27841, 23 dez. 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 7 ed, São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo.** São Paulo: Libertad, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.